# Mar de Aral: uma catástrofe anunciada

A ação do homem sobre a natureza muitas vezes tem sido nefasta, causando no meio ambiente problemas graves que se refletem nas próprias sociedades humanas. Um dos maiores desastres ambientais e humanos de que se tem notícia vem se verificando nas últimas décadas na Ásia central, mais especificamente na região do mar de Aral. Esse mar, na verdade um lago, banha, na Ásia central, terras do Casaquistão e do Usbequistão, duas repúblicas que até 1991 faziam parte da extinta União Soviética.

Por volta da década de 1960, o mar de Aral tinha superfície de cerca de 66,5 mil km$^2$, mais ou menos três vezes o tamanho de Sergipe, o menor estado do Brasil. Sua profundidade média era de 16 metros, e sua salinidade um terço mais baixa que a registrada geralmente nos oceanos. Dois rios principais lançam suas águas no Aral: o Amu Daria, ao sul, e o Sir Daria, ao nordeste. Esses rios, as duas principais fontes de recursos hídricos da Ásia central, têm suas nascentes nas altas montanhas que fazem parte do sistema do Himalaia e que distam cerca de 1.000 km da foz.

Na década de 1960, as autoridades da antiga URSS puseram em prática uma intensa política de irrigação, utilizando as águas dos rios, especialmente as do Amu Daria. Tal política visava a consagrar sete milhões de hectares da Ásia central para o cultivo do algodão. O sistema de cultivo em pouco tempo tornou o Usbequistão o quarto maior produtor e o segundo exportador mundiais do "ouro branco". Esse sucesso econômico provocou e continua provocando danos enormes ao meio ambiente e às populações da região, especialmente a mais de um milhão de pessoas da Karakalpakia, república autônoma pertencente ao Usbequistão.

Em termos ambientais, o desastre pode ser avaliado por uma série de dados. Na década de 1980, o fluxo de água do Amu Daria e do Sir Daria era de apenas 10% daquele registrado vinte anos antes de iniciada a utilização da técnica de irrigação. Desde a segunda metade da década de 1990, nenhuma gota de água dos rios tem chegado ao Aral. A interrupção do fluxo de água, combinada com a forte evaporação e a pouca chuva (deve-se lembrar que o clima dominante da região é desértico), fizeram diminuir cerca de 65% a superfície do mar. Como consequência, seu volume de água decresceu em 80%, e a profundidade média reduziu-se em

18 metros na parte sul e 13 metros na porção norte do mar. A salinidade do Aral passou a ser equivalente à dos oceanos em geral.

O recuo da superfície do mar foi deixando em seu leito seco milhares de hectares de áreas desérticas, recobertas por sais, alguns deles tóxicos, que os ventos dispersam por vasta região. A água residual do mar e aquelas do curso inferior dos rios tiveram o teor de sal aumentado. Da mesma forma, elevou-se a carga de resíduos químicos e bacteriológicos, fruto da utilização abusiva de adubos, pesticidas e outros produtos químicos.

Do ponto de vista humano, a tragédia não é menor. À catástrofe ambiental, aliou-se a decadência econômica e social da região, que já figurava como uma das mais pobres de toda a antiga União Soviética. Mais de um milhão de pessoas já estão ou estarão nos próximos anos expostas a ameaças de poluição tóxica resultantes da múltipla contaminação química. Dentre os habitantes da região, mulheres e crianças são as mais afetadas.

Estudos feitos por médicos e sanitaristas atestam altos níveis de metais pesados, sais tóxicos e outras substâncias na água potável ingerida pelos habitantes da região. A maior parte dos vegetais consumidos está contaminada por



pesticidas, utilizados em grandes quantidades para combater pragas que atacavam os algodoais.

Como consequência, nos últimos 20 anos houve aumento brutal de doenças, especialmente o câncer, que atacam os rins e o fígado. Houve ainda incremento desmesurado de doenças artríticas e bronquite crônica. Cerca de 20% das mulheres entre 13 e 19 anos sofrem de doenças renais; 23% têm disfunções na tireoide, e muitas delas possuem no sangue altos níveis de metais pesados, como o chumbo, zinco e estrôncio. Uma vez que cerca de 90% das mulheres apresentam anemia, quando dão à luz, grande parte delas acaba tendo hemorragias, o que explica a altíssima mortalidade maternal.

A independência das repúblicas da antiga Ásia central soviética em 1991 gerou esperanças de melhora da situação. Os programas de assistência, especialmente os colocados em prática por organizações internacionais, surtiram pouco efeito até agora. Contudo, sua presença tem possibilitado alertar a opinião pública mundial para a situação dramática vivida pelas populações atingidas pela catástrofe. São vítimas de políticas econômicas absurdas executadas por governos autoritários.

Evolução do ressecamento do mar de Aral

Fonte: Adaptado do Atlas da Globalização (Le Monde Diplomatique – Edição portuguesa), p. 65.